

Teatro: Denise Stoklos dá sua versão para os 500 anos • 3

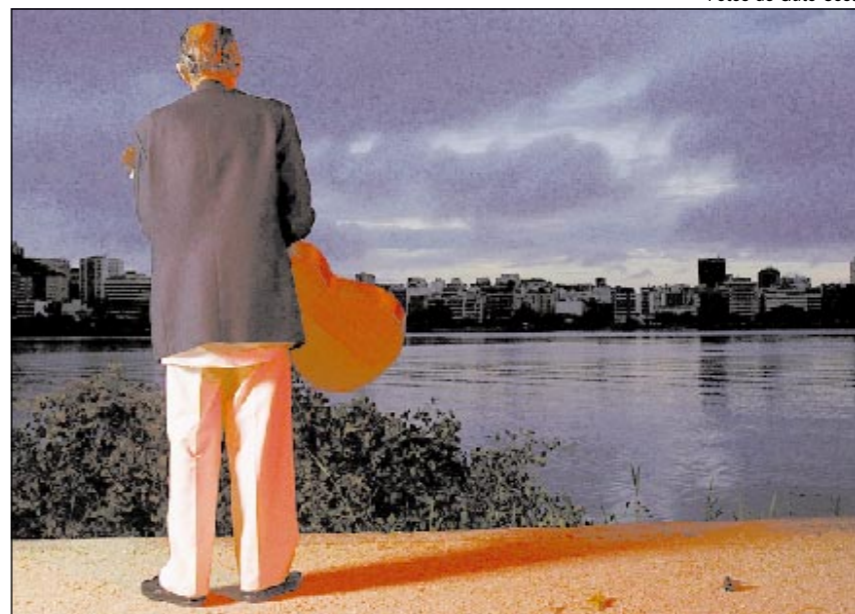
SEGUNDO CADERNO

Rio Fanzine: Morrissey, enfim, vai cantar no Brasil • 4

SEXTA-FEIRA, 24 DE MARÇO DE 2000



BADEN VOLTA ao palco e ao estúdio aos 62 anos, no momento em que suas canções são regravadas por jovens artistas



Fotos de Guto Costa

BADEN POWELL contempla a Lagoa, bairro onde está vivendo atualmente

Senhor violão

Descoberto pelo pop brasileiro, Baden Powell prepara novo CD

Mário Adnet

Especial para O GLOBO

Aos 62 anos de idade e mais de 50 de carreira, o violonista e compositor Baden Powell, que influenciou gerações de músicos no Brasil e no exterior, prepara novo disco, pela gravadora Trama, e ao lado da cantora Miúcha sobe ao palco do Garden Hall nos dias 30 e 31 de março. Será uma boa oportunidade para rever um mestre que também começa a ser descoberto por artistas do pop brasileiro, como provam os trabalhos de, entre outros, Ed Motta (que vem cantando "Consolação" em seus shows), Max de Castro (que cita "Canto de Ossanha" em seu CD de estréia, "Samba raro") e Bebel Gilberto (que gravou "Samba da bênção"). Nesta entrevista, o compositor dos famosos afro-sambas (em parceria com Vinicius de Moraes) fala de sua formação, da carreira precoce, das grandes influências, do encontro com o maestro e saxofonista Moacir Santos e de sua atual volta aos estúdios.

• **VIOLÃO:** "Morava em São Cristóvão e comecei a tocar muito cedo estimulado pelo meu pai, que tinha um irmão que estudava com o violonista Meira. Meu pai me levou para Meira quando eu tinha 8 anos. Meu bairro era rodeado de blocos de carnaval, tinha serenatas, cantores pelos bares daqueles que cantavam e passavam pires, e eu me enterrava no meio deles, participava sempre dos ensaios lá no morro. Uma vez, Ciro Monteiro foi cantar num desses shows na igreja e foram bater lá em casa perguntando se eu não poderia acompanhá-lo. Meus pais me deixaram ir. Bem mais tarde, já adulto, quando reencontrei Ciro na casa de Vinicius, contei essa história e ele quase chorou ao saber que aquele garoto era eu. Depois vieram os programas de calouros. Fui colocado num desses programas aos 9 anos. Aos 11 anos já estava tarado por jazz por causa dos bailes. Fazia baile no colégio e meu grupo, Unidos de São Cristóvão, estavam Milton Banana (tumbadora) e Bituca (bateria). Eu ouvia Stan Kenton, Tommy Dorsey, Duke Ellington, Barney Kessel e, claro, Dilermando Reis."

• **GAROTO:** "Garoto fazia aqueles baixos no violão e Radamés Gnatalli fazia muito parecido no piano. Era um violonista sem rival mas as maravilhosas músicas dele, sem finais virtuosísticos, não tinham impacto para show. Meira me ensinou a gostar do Garoto. Mais tarde fomos companheiros na Rádio Nacional junto a Bola Sete, Zé Menezes e Badeco, dos Cariocas. Garoto não deixou uma partitura sequer escrita para violão, e sim para piano. Ele era um violonista moderno e eu buscava isso." *Continua na página 2*

Recado do mestre, na Califórnia, para o aluno

O arranjador Moacir Santos lembra-se de quando 'curtia o som pelo som' com o violonista

Radicado há 33 anos nos Estados Unidos, o maestro, compositor, arranjador e saxofonista Moacir Santos foi fundamental para a modernização da música brasileira dos anos 50 e 60. Mas, até hoje, nunca recebeu a devida atenção a influência que também exerceu sobre Baden. Mais do que uma relação de professor e aluno, os dois descobriram juntos uma nova veia para a MPB, reforçando as fontes rítmicas africanas. Durante a entrevista, quando eu quis saber se havia uma ligação entre os "Afro-

sambas" que ele compôs com Vinicius e as "Coisas" de Moacir, Baden respondeu que este é um assunto que nunca perguntaram a ele. E, por uma curiosa sincronia, enquanto trabalhava na fita com a entrevista, Moacir ligou-me de Pasadena, na Califórnia:

Mágicos mergulhados no som pelo som

— Até hoje quando vou ao Brasil o pessoal me apresenta como professor de Baden. Quando estudava comigo, o menino fazia os exercícios mas gostava mais de ficar ou-

virando as minhas "Coisas" do que de estudar — lembra o arranjador. — A gente curtiava muito o som pelo som, era uma curtição permanente de ambas as partes. Um ímã de almas que se atraem, sinto até hoje, desde o momento em que conheci Baden, que formamos uma bola homogênea. É como se fosse uma coisa só. Me lembro muito dele tocando as minhas "Coisas" principalmente "Coisa nº 2". Ele tirava o som que eu queria ouvir, fazia acordos como se tivesse seis longos dedos. Baden é um mágico. (M.A.) ■



Cláudio Rossi/8-9-92

MOACIR SANTOS:

"Baden tirava o som que eu queria ouvir, fazia acordos como se tivesse seis longos dedos."

Brasil-Canadá até 47% mais barato, a qualquer hora do dia ou da noite. Disque 0023. Intelig.

23

Não é promoção. Nossos preços são mais baixos mesmo.